

**APERFEIÇOAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA - 2 EM**

**Aluno: Rosa Maria Ferreira Corrêa**

**Grupo: 6**

**Pólo/ Cidade: Cantagalo (Carmo)**

**Tutora: Elaine Araújo**

**Tarefa : Roteiro Original – versão final-**

**Ciclo 2 – 2º bimestre - 2013**

**EIXO BIMESTRAL:**

**CONTO E ROMANCE NO REALISMO E NATURALISMO / ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

**TEXTO GERADOR I**

Aluísio Azevedo (1857-1913) é considerado o mais naturalista de nossos escritores naturalistas. Sua obra “O Mulato” foi a precursora desse movimento literário no Brasil, em 1881. No entanto, sua obra mais famosa é o romance *O Cortiço* (1890). Como romance de tese que é, tem uma ideia a defender. Procure percebê-la nos fragmentos a seguir.

FRAGMENTO I, p. 32

“Era tão metódico e tão bom como trabalhador quanto o era como homem.

Jerônimo viera da terra, com a mulher e uma filhinha ainda pequena, tentar a vida no Brasil, na qualidade de colono de um fazendeiro, em cuja fazenda mourejou durante dois anos, sem nunca levantar a cabeça, e de onde afinal se retirou de mãos vazias e uma grande birra pela lavoura brasileira. Para continuar a servir na roça tinha que sujeitar-se a emparelhar com os negros escravos e viver com eles no mesmo meio degradante, encurralado como uma besta, sem aspirações, nem futuro, trabalhando eternamente para outro.

Não quis. Resolveu abandonar de vez semelhante estúpido de vida e atirar-se para a Corte, onde, diziam-lhe patrícios, todo o homem bem disposto encontrava furo. E, com efeito, mal chegou, devorado de necessidades e privações, meteu-se a quebrar pedra em uma pedreira, mediante um miserável salário. A sua existência continuava dura e precária; a mulher já então lavava e engomava, mas com pequena freguesia e mal paga. O que os dois faziam chegava-lhes apenas para não morrer de fome e pagar o quarto da estalagem.

(...)

Mas não foram só o seu zelo e a sua habilidade o que o pôs assim para a frente; duas outras coisas contribuíram muito para isso: a força de touro que o tornava respeitado e temido por todo o pessoal dos trabalhadores, como ainda, e, talvez, principalmente, a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes. Era homem de uma honestidade a toda prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver. Sala de casa para o serviço e do serviço para casa, onde nunca ninguém o vira com a mulher senão em boa paz; traziam a filhinha sempre limpa e bem alimentada, e, tanto um como o outro, eram sempre os primeiros à hora do trabalho.”

FRAGMENTO II, p. 59-60

“Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito revoltado do último tamóio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abasileirou-se.”

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00021a.pdf>> Acesso em: 25 maio. 2013.

[TRECHO REMOVIDO]

## TEXTO GERADOR II

### O CORTIÇO

(Fragmento do capítulo 1 em que é narrada a relação entre Miranda e sua esposa Estela.)

Justamente por essa ocasião vendeu-se também um sobrado que ficava à direita da venda, separado desta apenas por aquelas vinte braças; de sorte que todo o flanco esquerdo do prédio, coisa de uns vinte e tantos metros, despejava para o terreno do vendeiro as suas nove janelas de peitoril. Comprou-o um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja *de fazendas* por atacado. Corrida uma limpeza geral no casarão, mudar-se-ia ele para lá com a família, pois que a mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, já não podia suportar a residência no centro da cidade, como também sua menina, a Zulmirinha, crescia muito pálida e precisava de largueza para enrijar e tomar corpo.

Isto foi o que disse o Miranda aos colegas, porém a verdadeira causa da mudança estava na necessidade, que ele reconhecia urgente, de afastar Dona Estela do alcance dos seus caixeiros. Dona Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e durante esse tempo dera ao marido toda sorte de desgostos. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a ideia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa.

Acovardado defronte destes raciocínios, contentou-se com uma simples separação de leitos, e os dois passaram a dormir em quartos separados. Não comiam juntos, e mal trocavam entre si uma ou outra palavra constrangida, quando qualquer inesperado acaso os reunia a contragosto.

Odiavam-se. Cada qual sentia pelo outro um profundo desprezo, que pouco a pouco se foi transformando em repugnância completa. O nascimento de Zulmira veio agravar ainda mais a situação; a pobre criança, em vez de servir de elo aos dois infelizes, foi antes um novo isolador que se estabeleceu entre eles. Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, e este a detestava porque tinha convicção de não ser seu pai.

Uma bela noite, porém, o Miranda, que era homem de sangue esperto e orçava então pelos seus trinta e cinco anos, sentiu-se em insuportável estado de lubricidade. Era tarde já e não havia em casa alguma criada que lhe pudesse valer. Lembrou-se da mulher, mas repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la. Entretanto este mesmo fato de obrigação em que ele se colocou de não servir-se dela, a responsabilidade de desprezá-la, como que ainda mais lhe assanhava o desejo da carne, fazendo da esposa infiel um fruto proibido. Afinal, coisa singular, posto que moralmente nada diminuísse a sua repugnância pela perjura, foi ter ao quarto dela.

A mulher dormia a sono solto. Miranda entrou pé ante pé e aproximou-se da cama. "Devia voltar!... pensou. Não lhe ficava bem aquilo!..." Mas o sangue latejava-lhe, reclamando-a. Ainda hesitou um instante, imóvel, a contemplá-la no seu desejo.

Estela, como se o olhar do marido lhe apalpassse o corpo, torceu-se sobre o quadril da esquerda, repuxando com as coxas o lençol para a frente e patenteando uma nesga de nudez estofada e branca. O Miranda não pôde resistir, atirou-se contra ela, que, num pequeno sobressalto, mais de surpresa que de revolta, desviou-se, tornando logo e enfrentando com o marido. E deixou-se empolgar pelos rins, de olhos fechados, fingindo que continuava a dormir, sem a menor consciência de tudo aquilo.(...)

Consumado o delito, o honrado negociante sentiu-se tolhido de vergonha e arrependimento. Não teve animo de dar palavra, e retirou-se tristonho e murcho para o seu quarto de desquitado.

Oh! como lhe doía agora o que acabava de praticar na cegueira da sua sensualidade.

— Que cabeçada!... dizia ele agitado. Que formidável cabeçada!...

Disponível em : <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00021a.pdf>> Acesso em: 25 maio. 2013.

## ATIVIDADE DE LEITURA

[TRECHO REMOVIDO]

### ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

#### QUESTÃO 5

Explique o uso do acento grave, indicador de crase, no fragmento a seguir:

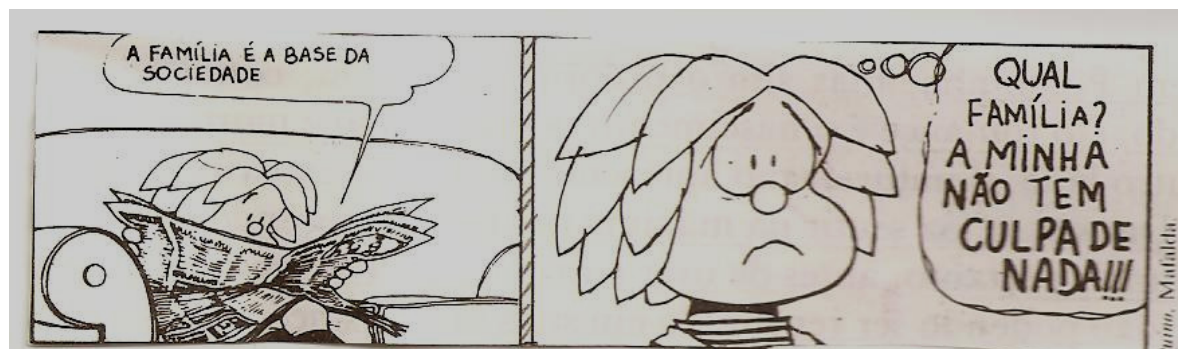
“Justamente por essa ocasião vendeu-se também um sobrado que ficava à direita da venda”.

**Resposta comentada:** O professor pode explicar que a crase consiste na "fusão" de dois fonemas vocálicos iguais (a + a), representada pelo acento grave (`). Só se usa crase antes de nome feminino determinado e regido da preposição "-a". Vale a pena abordar os casos de uso obrigatório, proibido e facultativo da crase.

No fragmento destacado, a presença do acento grave em “à direita” justifica-se por se tratar de uma locução adverbial feminina.

**Habilidade trabalhada:** Identificar mecanismos linguísticos no uso da regência e da crase.

### TEXTO COMPLEMENTAR



Fonte: Nicola, José de . Literatura Brasileira das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione. P.119. 1989

[TRECHO REMOVIDO]

### TEXTO GERADOR III

#### HEREDITARIEDADE

Para nós, contemporâneos, a hereditariedade é um fato facilmente de ser percebido e também explicado: basta observar a semelhança entre pais e filhos, ou mesmo entre irmãos; e se lembrar de algumas aulas de Ciências e Biologia. Entretanto, há alguns milênios, os antigos ainda não conheciam tais mecanismos, e se preocupavam em buscar explicações para tal. A pangênese, por exemplo, foi uma hipótese proposta pelo filósofo grego Hipócrates, aproximadamente 410 anos a.C.. Segundo ela, cada órgão do corpo produziria um material hereditário específico: as gêmulas. Estas se agregariam, e tal conjunto seria, então, encaminhado ao sêmen, transmitindo as características paternas ao futuro filho. Foi este mesmo filósofo o precursor da teoria dos caracteres adquiridos, futuramente adotado por Lamarck.

A pangênese foi aceita por muitos anos, sendo, inclusive, considerada por Darwin ao escrever sua famosa obra. Décadas depois, Aristóteles propôs que tanto pai quanto mãe eram responsáveis pela liberação de material genético para as novas gerações, pela mistura de sangue: o sêmen (purificado) e sangue menstrual feminino. Ele argumentava, ainda, que a pangênese era inconsistente, por não explicar, por exemplo, um indivíduo com características semelhantes às dos avós, e inexistentes nos pais; ou mesmo o fato de plantas mutiladas produzirem descendentes íntegros.

Finalmente, em 1667, Leeuwenhoek descobriu a presença do espermatozoide no sêmen, associando ele à formação dos seres vivos. Apesar de muitos contatarem esta ideia, outra corrente de pesquisadores conseguiu até mesmo visualizar pequenos seres no interior de cada espermatozoide: hipótese pré-formista.

Entretanto, foi somente no século XIX, com avanços na área da microscopia, que percebeu-se que óvulos e espermatozoides, fecundados, davam origem a novos indivíduos. Mais tarde, o monge Gregor Mendel foi capaz de reconhecer a segregação independente; propiciando o surgimento da Genética moderna e a consolidação da teoria cromossômica da herança.

A partir da década de 40, novas descobertas foram feitas: a influência do DNA como responsável pela transmissão de caracteres hereditários e sua dupla hélice; o código genético; e a capacidade de se isolar e transplantar genes.

Por Mariana Araguaia

Disponível em: <http://www.brasilecola.com/biologia/historia-hereditariedade.htm>, Acesso em 24 de maio de 2013

[TRECHO REMOVIDO]

### **Palavras-chave: Naturalismo – romance – regência e crase**

#### **Registro Pedagógico**

Os alunos não tiveram dificuldades com o roteiro. Conseguiram assimilar bem o Naturalismo, emprego do acento grave, indicador de crase e regência. Antes da aplicação do roteiro, exibi os vídeos indicados na plataforma e clipes de músicas com temática semelhante ao Naturalismo. Dividi a turma em grupos e cada grupo apresentou por meio de vídeos e cartazes os conteúdos desse bimestre. Apesar de o gênero artigo de divulgação científica ser um pouco complexo para os alunos, após o debate sobre a formação de nossa personalidade e DNA os alunos ficaram curiosos e pesquisaram bastante, o que colaborou para que a produção textual fosse satisfatória.

#### **. Referências bibliográficas:**

NICOLA, José de . Literatura Brasileira das origens até aos nossos dias. 4. ed. São Paulo: Scipione. 1989. p.19.

Homepage

<http://www.brasilecola.com/biologia/historia-hereditariedade.htm>, Acesso em 24 de maio de 2013

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00021a.pdf>> Acesso em: 25 maio. 2013.